



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

5862 - Trabalho Completo - XIII Reunião Científica da ANPEd-Sul (2020)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 03 - Educação Popular e Movimentos Sociais

MEMORIAL - DA RUA E DOS MENINES: RELATOS DE EXISTÊNCIAS JUVENIS NO MEIO FIO DA MEMÓRIA DE UMA EDUCADORA

Paulina dos Santos Gonçalves - FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Leandro Rogério Pinheiro - UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL/FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

Memorial - Da rua e dos menines:

Relatos de existências juvenis no meio fio da memória de uma educadora

“O coração cheio de nomes

Ao final do caminho me dirão:/- e tu, viveste? Amaste?/

E eu sem dizer nada,/ abrirei o coração/cheio de nomes.”(Cassaldáliga, 1986, p. 100)

O presente texto nasceu em pesquisa sobre jovens em situação de rua em construção no mestrado em educação. A motivação veio da trajetória militante e profissional na Assistência Social, no Serviço de Abordagem e nos Movimentos Sociais. A temática vem acompanhando a autora neste artigo por quase três décadas (1993 a 2019), em diferentes territórios: Caxias do Sul/RS; Fortaleza/CE; e Região Metropolitana de Porto Alegre/RS. Neste percurso, houve a oportunidade de acompanhar trajetórias juvenis em diferentes regiões, contextos políticos e em organizações da sociedade civil e do setor público.

As memórias escritas em 2020 se configuram como relatos amadurecidos pelas leituras, pelas andarilhagens pessoais, acadêmicas e profissionais, levando em conta também as mudanças sociais que atravessaram a história de educadora, mulher negra periférica. Também reverencia as equipes que compus com parcerias profissionais e militantes, onde se exercitava a construção do educador coletivo pelo preparo técnico e engajamento consciente (Costa, 2001). Ao longo dos anos, sempre me chamavam a atenção às alternativas produzidas pelos jovens, suas resistências, suas astúcias para se manterem vivos e, às vezes, longe dos serviços. Prestava-se muita atenção ao que diziam com seu corpo, suas roupas e suas expressões.

Memorial - Da rua e dos meninos:

Relatos de existências juvenis no meio fio da memória de uma educadora

“O coração cheio de nomes

Ao final do caminho me dirão:- e tu, viveste? Amaste?/

E eu sem dizer nada,/ abrirei o coração/cheio de nomes.”(Cassaldáliga, 1986, p. 100)

O presente texto nasceu em pesquisa sobre jovens em situação de rua em construção no mestrado em educação. A motivação veio da trajetória militante e profissional na Assistência Social, no Serviço de Abordagem e nos Movimentos Sociais. A temática vem acompanhando a autora neste artigo por quase três décadas (1993 a 2019), em diferentes territórios: Caxias do Sul/RS; Fortaleza/CE; e Região Metropolitana de Porto Alegre/RS. Neste percurso, houve a oportunidade de acompanhar trajetórias juvenis em diferentes regiões, contextos políticos e em organizações da sociedade civil e do setor público.

As memórias escritas em 2020 se configuram como relatos amadurecidos pelas leituras, pelas andarilhagens pessoais, acadêmicas e profissionais, levando em conta também as mudanças sociais que atravessaram a história de educadora, mulher negra periférica. Também reverencia as equipes que compus com parcerias profissionais e militantes, onde se exercitava a construção do educador coletivo pelo preparo técnico e engajamento consciente (Costa, 2001). Ao longo dos anos, sempre me chamavam a atenção às alternativas produzidas pelos jovens, suas resistências, suas astúcias para se manterem vivos e, às vezes, longe dos serviços. Prestava-se muita atenção ao que diziam com seu corpo, suas roupas e suas expressões.

Junto com a Educação Crítica, outra inspiração veio da leitura do romance “Capitães de Areia”. Na obra transparece para além da denúncia da situação vulnerável, as possibilidades. No capítulo intitulado ‘Vocações’, no desfecho, a partir das potências de cada personagem, Jorge Amado conclui com esta expressão: “não se vive inutilmente uma infância entre os Capitães de Areia (...). Mesmo quando depois se vai ser um artista e não um ladrão” (Amado, 1998, p. 218). As aproximações em campo faziam observar que a proteção social se dava na tensão entre o enunciado sócio jurídico e as ações dos indivíduos jovens. Então, a leitura de Amado (1998) proporcionou um *insight*: questionar as lentes de interpretação da rua e de seus sujeitos juvenis. Perguntava-se: como romper com viés da vitimização quando se atenta para a condição juvenil em situação de rua?

Em tempos de pandemia e isolamento social, nasceu a proposição de sistematizar as experiências num memorial. Então, o esforço da escrita de si reforçou o que destaca Arenhaldt (2010) quando menciona que “(...)o registro de nossas lembranças e reminiscências mais significativas se faz importante pela possibilidade que inaugura de darmos sentido à nossa trajetória” (p. 01), ao propiciar reflexão e compreensão do processo de formação pessoal. De outra parte, o processo se mostrou potente na produção de um acervo de informações sobre as experiências juvenis *in loco*, como base para um retorno a campo. E, desta maneira, constituiu-se o objetivo deste trabalho: a sistematização das lembranças que as atuações junto às juventudes em situação de rua proporcionaram com destaque aos suportes produzidos pelos sujeitos.

O resultado desse esforço de imersão e diálogo, de registro do experienciado em campo é, ademais de um conjunto de interpretações disciplinarmente circunscrito, um exercício narrativo desde o qual o autor agencia fatos, sujeitos e tempos na busca de inteligibilidade referenciada. Trata-se da configuração da temporalidade do pesquisador entre suas vivências em campo e a elaboração de seu diário (Rocha e Eckert, 1998). É parte desse esforço criativo que desejamos apresentar aqui, como uma análise das conversações que construímos, problematizando a interação outrora produzida.

Para tanto, cabe expormos brevemente nosso referencial teórico central, em aproximação às noções de Danilo Martuccelli. Este autor propõe que consideremos o conjunto de *provas estruturais* a que, em geral, os indivíduos estão submetidos, com vistas a uma interpretação mais acurada da formação social de indivíduos na atualidade. Tratar-se-ia de “desafios históricos, socialmente produzidos, culturalmente representados, desigualmente distribuídos, que os indivíduos estão obrigados a enfrentar no seio de um processo estrutural de individuação” (Araujo e Martuccelli, 2010, p. 83).

A noção de “prova-social” é apresentada, pois, como artifício heurístico, articulando experiências pessoais e processos sociais para cenários em que as dinâmicas de socialização a partir de marcadores macro-estruturais necessitam de problematização, dada a crescente singularização dos percursos de vida, ou então, como nos parece ser o caso aqui, ponderado uma relação tensa com programas institucionais.

Tarefa complementar, nesse sentido, consubstancia-se na análise das bases que sustentam o cotidiano dos indivíduos para chegarmos ao que o autor denomina “suportes”. Martuccelli (2007) procura designar o conjunto de recursos e apoios que sustentam as experiências dos atores, não na forma de um inventário das condições e recursos disponíveis a eles conforme a posição social, mas como uma ecologia existencial dos elementos apropriados no processo de individuação que se inscrevem na trama de interdependências efetivas das histórias individuais.

Por esse caminho, Martuccelli (2010) ensaia argumentos acerca da existência de um “hiper-ator” nas sociedades latino americanas, hipótese que interessa ao que traremos adiante. Segundo ele, o individualismo latino-americano não se erigiria na ficção de um contrato social entre indivíduos preconcebidos, produzido por organizações e programas institucionais, como na Europa; constituir-se-ia a partir de práticas e habilidades de pessoas que, para se integrarem à sociedade, precisam, antes de tudo, atuar e garantir existência e reconhecimento. Condição essa que se explicaria, em parte, pela forma como o poder se instaura em nossos países: algo que não se estabeleceria tal como no “Norte”; algo que se indica, mas não se efetiva totalmente, como a lei que não se cumpre sempre, que varia nas circunstâncias, com uso de violência arbitrária muitas vezes. Então, a manutenção dos laços sociais torna-se fundamental à organização da experiência, uma vez que, historicamente, redes bastante delimitadas, e não só programas institucionais necessariamente suportariam as trajetórias dos sujeitos em seus cotidianos.

Quando nos voltamos a sujeitos jovens, as noções de “moratória vital e social”, em Margullis e Urresti (1996), podem ser elucidativas e apoiarem uma análise que articule individuação e condição juvenil na rua. Em relação à moratória vital, eles afirmam que jovens possuem um crédito vital por estarem em “um período da vida em que se está de posse de um excedente temporal, que nos não jovens está mais reduzido”(p.07). De outra parte, a moratória social, ou seja, as condicionalidades de classe e gênero, poderá potencializar ou inibir o uso de tal crédito vital.

A juventude estaria exposta a um “desgaste diferencial” segundo gênero e classe social, pois os aspectos socioculturais influiriam, pesando sobre as possibilidades de acesso a

aparatos institucionais de proteção e promoção, incluindo-se aí as oportunidades de fruição cultural e sociabilidade entre pares, produção de identificações de ordem etária e a projeção de carreiras individuais e/ou coletivas. Aqui, podemos dispor alguns questionamentos: que juventude é possível em situação de rua?

O percurso metodológico se deu em três etapas (Lüdke e André, 1986): exploração; decisão; edescoberta. A fase de exploração iniciou com visita à tessitura da memória a partir das categorias ‘juventudes’ e ‘rua’, resultando em tabela com datas, territórios e personagens, como um mapa por década e local, situados por nomes, apelidos ou alguma característica física. Com os rascunhos iniciais foram vasculhados antigos apontamentos e fotos. As fontes vieram do acervo pessoal de documentos ou das lembranças de fisionomias, nomes, apelidos, situações que a memória guardou em fragmentos.

Na segunda etapa, passamos os registrados a outra tabela, com a identificação dos sujeitos, sexo, cor/raça e faixa etária. Na sequência, dispúnhamos um breve histórico, com data, local e referência da vivência de rua. Indicamos também as vulnerabilidades constatadas, as ações públicas de proteção e, por fim, as redes de apoio próprias, pelas quais são apontadas as táticas dos sujeitos.

As ‘descobertas’ vieram primeiramente na forma de uma sistematização quantitativa (ver quadro abaixo), sendo registradas 66 pessoas. Ademais, observaram-se que os dados repercutem, salvaguardas as diferenças de tempo e território, algumas tendências presentes em pesquisas mais recentes (Pimenta, 2019; Souza e Rizzini, 2020).

Total – 66 experiências de interlocução									
Sexo		Cor/Raça			Faixa etária			Grupo etário	
M	F	Brancos	Pretos	PAardos	15-17	18-24	25-29	Adolescentes	Jovens
42	23/3 Trans	26	10	20	30	26	10	30	36
Vulnerabilidades mais comuns *					Ações de proteção mais recorrentes*				
32		Uso abusivo de substâncias psicoativas (SPA)			Busca ativa/abordagem social			33	
23		Evasão/recusa de medida de proteção			acompanhamento familiar			30	
38		Fragilidade dos vínculos familiares			Acompanhamento de saúde			20	
28		Insegurança alimentar			Construção de vínculo			15	
41		trabalho infantil			oficinas/atividades nas ruas			08	
11		evasão/exclusão escolar			inclusão na rede de proteção da região			16	
20		Ameaça de morte/violência urbana			Benefícios eventuais (refeições; transporte...)			12	
18		Problemas de saúde mental			oferta de acolhimento institucional			13	

Suportes	
Educadores/equipes -Prisão/ CT	25
Pares/grupos identitários/amigos	24
Familiares (mãe, irmãos, filhos)	19
SPA	24
Relacionamentos/Protetores/Namorada (sonho romântico)	11
Rua (vizinhos/comercio)	21
Trabalho (majoritariamente informal)	12
Corpo/doença	17
Saberes da rua (Ex. saber esquivar-se e quando procurar instituições)	14
Comunidade/território/vizinhos /movimentos sociais	05
Traficante/tráfico/delitos	10
Música /animais de estimação	02
Autonomia/Si próprio	04
Escola	03
Igrejas	03
Movimentos sociais	02
Redes sociais	02

OBS: Embora dispostos lado a lado, os itens não estão correlacionados.

Quadro 01: Totais sistematizados na produção do memorial.

Fonte: Memorial da autora neste artigo.

Quanto às vulnerabilidades, foi rememorada a incidência de situações em que “os recursos e habilidades de um determinado grupo são insuficientes e/ou inadequados para manejar as ofertas sociais, as quais possibilitariam ascender a maiores níveis de bem-estar ou reduzir a probabilidade de deterioração das condições de vida” (Cruz e Hillesheim, 2016, p. 301).

No que tange às ações de proteção, a sistematização seguiu aquelas mais recorrentes, e preconizadas no art. 101 do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e na Política Nacional de Assistência Social (2004), destinada a ofertar proteção social que garanta três tipos de segurança: de sobrevivência; de acolhida; e segurança de convívio familiar e comunitário.

Para visualizar os suportes, tendo como eixo aqueles constituídos pelos próprios sujeitos, partimos da premissa que os sujeitos“(...) vão criando suas redes e condições de sobrevivência, sem apoio ou recursos públicos, mas muitas vezes contando com a solidariedade de organizações e coletivos da sociedade ” (Ronilk e Marino, 2019). Assim, descrevemos as mais comumente observadas e, de alguma forma, conhecidas nos serviços de proteção, mas buscamos também aquelas mais sutis, como saber se movimentar entre práticas do sistema público ou recurso ao corpo, com diferentes nuances, como o viço juvenil ou a doença.

Além do aspecto quantitativo, a busca se centrou nas singularidades ilustradas. Nesse

sentido, trabalharemos ainda com o relato dois casos expressivos para a pesquisa. Em comum o fato de serem jovens situados fora das fronteiras da proteção social, lutando com todas as forças para existir e constituir sentidos nas breves e intensas vidas. Retratam os inalcançáveis, considerados pelas redes como casos crônicos, que iniciaram a vivência na rua desde a infância e seguem na fase adulta: um masculino, da década passada no Ceará; outra feminina, conhecida no Rio Grande do Sul. Outro critério foi o grau de vinculação, de tempo e atenção despendidos e, assim, a variedade de situações compartilhadas, do atendimento oficial aos encontros ocasionais em deslocamentos cotidianos. Desta forma, os relatos serão apresentados na primeira pessoa, de modo a serem mais fidedignos ao experienciado.

O Correria (CE - 2004 a 2010)

Nomeado em referência a um *rap* dos Pacificadores, cujo refrão diz que “o mundo ensinou ao menininho a fazer a correria que os cana vinham atrás de mim”. Conheci-o na educação de rua e o reencontrei na Liberdade Assistida. Foram muitos encontros e desencontros. Foi acolhido desde pequeno, pois tivera um braço quebrado aos dois anos pela mãe, usuária de SPA. Ele e seu irmão mais velho, com um ano de diferença, mas eles tiveram trajetórias distintas nos abrigos. O irmão mais velho era considerado um caso de êxito, dado que estava em processo de desligamento do abrigo, com carteira assinada como adolescente aprendiz e escolaridade condizente, entre outros aspectos.

Correria era um menino tranquilo, cordial com os educadores, mas que não conseguia permanecer nos espaços públicos de proteção depois da adolescência, com idas e vindas em diferentes abrigos e vivência nas ruas em mendicância e, depois, em atividades ilícitas. Numa reflexão sobre família, afirmou que não a possuía, contando o ocorrido com sua mãe.

Então, em 2009, sua mãe veio a falecer. Na época, estava evadido do abrigo. Houve uma busca da equipe para avisá-lo. Estava na casa de um traficante, vulgo Capeta. Só consegui entrar lá justificando que a mãe dele falecera. E ouvi dos rapazes ali: “mãe é mãe”. Vindo das vielas, surgiu o jovem. Dei a notícia crendo que não gostaria de ir ao velório e sepultamento. No entanto, ele se emocionou e implorou que o levássemos à comunidade, muito abalado com a notícia, procurando sua referência, uma educadora de projeto. Depois, acabou indo para internação por descumprimento de medida e novo ato infracional. Soube ainda que seu irmão se “desorganizou”, saiu do trabalho, envolvido pelo tráfico, e no mesmo ano estava no presídio. Registro o comentário do jovem: “ele não sabe fazer, caiu na primeira. Eu estou acostumado. Vai sofrer lá”.

Tempos depois, reencontrei-o ocasionalmente e soube que já estivera até em outra internação, quando dera outro nome. Ele diminuía idade e, como não tinha documentação, ficava internado, “protegido”, ao invés de ir para o presídio como adulto. Frente às vulnerabilidades comuns de sua trajetória, ele desenvolveu um saber fazer que o inscrevia nas ações ilícitas, mas que também conjugava respostas ao institucional de forma a poder circular com relativa proteção nestes espaços.

Na roda do moinho (RS -2011 a 2019)

Foi nomeado em referência a canção de Cartola, no verso que diz “mundo é um moinho e vai triturar teus sonhos tão mesquinhos”. Meu contato com ela foi numa verificação de planilhas de casos para gerenciamento do serviço junto à rede de proteção. Nos registros, constava a primeira abordagem em 2009, ainda na infância. A partir de 2015, ela foi

constantemente observada e abordada. Registrava-se também a primeira gravidez, a exploração sexual no sambódromo de Porto Alegre/RS e o uso de SPA. Após o parto evadiu do hospital. Em 2018, teve outra gravidez, desta vez gemelar.

Tratava-se de uma situação de rua transgeracional. Sua mãe também esteve na rua e, em 2019, uma das irmãs adolescentes também. A jovem teve muitas internações psiquiátricas. Na segunda gestação, pediu ajuda, quando foi identificada gravidez de risco e transtorno mental. Após nascimento do casal de gêmeos, houve a reaproximação com uma das irmãs mais velhas e a acolhida em comunidade terapêutica. Evadiu no segundo mês e acabou entregando as crianças para adoção.

Ela relatava que desde criança tinha clientes fixos para faxina. Frente às vulnerabilidades e ações de proteção a que não se vinculava, a jovem se valia ainda de sua condição feminina, do corpo jovem, dos relacionamentos na rua, para sobreviver, mas também na busca pelo que pareciam sonhos, como filhos e namorados.

Encaminhando-nos para as considerações finais, acreditamos que muito do que experienciam os jovens em situação de rua passa pelo enfrentamento da prova estrutural primordial nas sociedades modernas, a garantia da própria existência, levada, então, à condição de sobrevivência e subsistência. Os casos acima o sinalizam na precariedade material e relacional em jogo de forma contundente, e traz indícios de que os jovens nestas condições são atores sociais que exercem regulares agenciamentos, mostrando-se indivíduos cotidianamente ativos.

Assim, pensamos plausível uma aproximação da hipótese de Martuccelli (2010) sobre a constituição de um hiper-ator nos processos de individuação, ao considerarmos que os jovens em situação de rua explicitam a necessidade de agenciamentos diversos e regulares para se fazerem indivíduos em relações sociais que não os contém ou acolhe. E, no equilíbrio de alternativas que lhes chegam e/ou que produzem, fazem-se indivíduos ao manejar um espaço de possíveis em relativa e tensa autonomia.

Considerando que a existência, como prova social primordial, é mais que a sobrevivência e nos leva a uma relação entre indivíduo e mundo, entre liberdade subjetiva e constrangimentos objetivos (Martuccelli, 2007), vale seguir questionando o que “buscam” os jovens em situação de rua em cada ação protetiva e/ou apoio. Além disso, fazer desta pergunta a base para se pensar suportes que não sejam conhecidos (medidas de proteção e redes de apoio), considerando, por exemplo, sustentações simbólicas frente à representação que fazem de uma existência digna ou respeitada.

Referências

AMADO, Jorge. **Capitães da Areia**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1998.

ARAÚJO, Katia; MARTUCCELLI, Danilo. La individuación y el trabajo de los individuos. **Educação e pesquisa**, v. 36, p. 77-91, 2010.

ARENHALDT, Rafael. **A escrita do Memorial como recurso formativo: por que escrever um memorial em percursos formativos?** Porto Alegre. 2010. Disponível em http://memorialformativo.blogspot.com/2007/09/memorial_7815.html.

CASSALDÁLIGA, Pedro. **El tiempo y la espera**. Santander: Sal Terrae, 1986.

COSTA, Antônio C. G. da. **Aventura pedagógica: caminhos e descaminhos de uma ação**

educativa. Belo Horizonte: Modus Faciendi, 2001.

CRUZ, Lilian R. e HILLESHEIM, Betina. Vulnerabilidade Social. In: ROSA, M. C. F. e HELLMAN, A. (orgs.). **Dicionário crítico: política de assistência social no Brasil.** Porto Alegre, 2016.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986.

MARGULIS, Mario; URRESTI, Marcelo. “La juventud es más que una palabra”. In: Margulis, M. (org.). **La juventud es Más Que una Palabra.** Buenos Aires: Biblos, 1996. p. 13-30.

MARTUCCELLI, Danilo. **Cambio de rumbo: la sociedad a escala del individuo.** Santiago: LOM, 2007.

_____. **¿Existen individuos en el Sur?** Santiago: LOM Ediciones, 2010.

PIMENTA, Melissa de Mattos. Pessoas em situação de Rua em Porto Alegre: processos de estigmatização e invisibilidade social. **Civitas**, Rev. Ciênc. Soc., vol.19, n.1, p.82-104, 2019.

ROCHA, Ana; ECKERT, Cornélia. A interioridade da experiência temporal do antropólogo como condição da produção etnográfica. **Revista de Antropologia**, 41(2), 1998.

RONILKI, Raquel e MARINO, Aluizio. Situação da população vivendo na rua é a cara das políticas públicas. **Labcidade**, São Paulo, 2019.

SOUZA, Manoel T. C. de; RIZZINI, Irene. **Projeto Conhecer para Cuidar** – Relatório final do levantamento de dados quantitativos e qualitativos sobre crianças e adolescentes em situação de rua e em Acolhimento Institucional como medida protetiva à situação de rua. Fortaleza: OPN, 2020.